

Recebido em: 16/08/2024

Aceito em: 20/12/2024

Como citar: Hodecker, M.; Felipe, M. L. & Bousfield, A. B. S. (2024). Vínculo afetivo pessoa-ambiente em desastres: análise barthesiana de imagens de atingidos. PSI UNISC, 8(3), 147-171. doi: 10.17058/psiunisc.v8i3.19705

Tipo de Artigo: Relato de pesquisa

Editora responsável: Dra. Leticia Lorenzoni Lasta e Dra. Cristiane Davina Redin Freitas

Vínculo afetivo pessoa-ambiente em desastres: análise barthesiana de imagens de atingidos¹

Vínculo afectivo persona-ambiente en desastres: análisis barthesiano de imágenes de los afectados

Emotional bond between people and environment in disasters: Barthesian analysis of images of disasters

Maísa Hodecker

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - SC/Brasil

ORCID: 0000-0001-5273-1575

E-mail: maisa_hodecker@hotmail.com

Maíra Longhinotti Felipe

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - SC/Brasil

ORCID: 0000-0002-0392-7480

E-mail: mairafelippe@gmail.com

Andréa Barbará da S. Bousfield

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - SC/Brasil

ORCID: 0000-0002-4333-4719

E-mail: andreabs@gmail.com

RESUMO

Os desastres socioambientais ocasionam impactos generalizados na vida das pessoas, inclusive nos vínculos que possuíam com o lugar. Objetivou-se descrever a vinculação afetiva pessoa-ambiente em suas dimensões funcional, simbólica e temporal por meio de uma análise barthesiana de imagens fornecidas pelos atingidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo documental que adota um caráter descritivo-exploratório. Participaram da pesquisa sete pessoas atingidas (cinco do gênero feminino; dois do gênero masculino), com média de idade de 46 anos e 5 meses. O estudo revelou que, após o desastre, os vínculos afetivos com o ambiente foram modificados, apesar da reconstrução e retomada da funcionalidade. As fotografias demonstram que a vinculação afetiva e permanência no ambiente é influenciada pelas memórias afetivas, significados de lugar e importância no desenvolvimento da identidade, a história das famílias. Percebeu-se que a dimensão simbólica e temporal associadas sobressaem à funcional. Apesar da reconstrução do lugar,

não houve a restauração dos sentimentos de segurança e apropriação, evidenciando que os impactos emocionais são tão significativos quanto os materiais.

Palavras-chave: desastres socioambientais; afetividade; apropriação do espaço; psicologia social; psicologia ambiental.

RESUMEN

Los desastres socioambientales causan impactos generalizados en la vida de las personas, incluyendo los vínculos que tienen con el lugar. El objetivo fue describir el vínculo afectivo persona-ambiente en sus dimensiones funcional, simbólica y temporal a través de un análisis barthesiano de imágenes proporcionadas por los afectados. Se trata de una investigación documental cualitativa que adopta un carácter descriptivo-exploratorio. En la investigación participaron siete personas afectadas (cinco mujeres; dos hombres), con una edad media de 46 años y 5 meses. El estudio reveló que, después del desastre, los vínculos emocionales con el medio ambiente fueron modificados, a pesar de la reconstrucción y reanudación de la funcionalidad. Las fotografías demuestran que el vínculo emocional y la permanencia en el entorno están influenciados por memorias afectivas, significados de lugar e importancia en el desarrollo de la identidad, historia familiar. Se observó que las dimensiones simbólicas y temporales asociadas se destacan de la funcional. A pesar de la reconstrucción del lugar, los sentimientos de seguridad y propiedad no fueron restablecidos, lo que demuestra que los impactos emocionales son tan significativos como los materiales.

Palabras clave: desastres socioambientales; afectividad; apropiación del espacio; psicología social; psicología ambiental.

ABSTRACT

Socio-environmental disasters cause widespread impacts on people's lives, including their ties to the place. **OBJECTIVE:** The aim of this study was to describe the affective bond between person and environment in its functional, symbolic and temporal dimensions through a Barthesian analysis of images provided by those affected. **METHOD:** This is a qualitative documentary study with a descriptive-exploratory approach. Seven affected individuals (five females; two males) with an average age of 46 years and 5 months participated in the study. **RESULTS:** The study revealed that, after the disaster, affective bonds with the environment were modified, despite the reconstruction and resumption of functionality. The photographs demonstrate that affective bonds and permanence in the environment are influenced by affective memories, meanings of place and importance in the development of identity, and family history. **CONCLUSION:** It was noted that the symbolic and temporal dimensions associated with the site outweigh the functional ones. Despite the reconstruction of the site, feelings of security and ownership were not restored, showing that the emotional impacts are as significant as the material ones.

Keywords: socio-environmental disasters; affection; appropriation of space; social psychology; environmental psychology.

Introdução

“Nadei pela minha varanda, sai no jardim e tentei subir no telhado. Subimos no telhado e esperamos quatro horas sentados pelo salvamento do Corpo de Bombeiros. Foi horrível a visão. Eu achei que ia morrer. A água cobriu a gente em segundos” (sic). Esse foi o relato de uma das participantes desse estudo que foi atingida pelo desastre socioambiental de maior proporção de Florianópolis/SC. O desastre ocorreu na Lagoa da Conceição no dia 25 de janeiro de 2021, após o rompimento de uma das barragens da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN), atingindo cerca de 50 famílias. Essas famílias necessitaram desocupar as suas habitações de forma abrupta até a evacuação dos dejetos da lagoa, assim como limpeza da rua e das residências. Quando retornaram às suas habitações, além da compra de novos móveis e eletrodomésticos, os moradores necessitaram de profissionais da engenharia civil para avaliar a condição dessas moradias no tocante a prejuízos estruturais pós-desastre (Hodecker et al., 2023). Essa avaliação dos peritos auxiliou na recuperação dos danos causados à moradia para retomar a estadia no local com mais segurança. A partir do relato, observa-se que os moradores foram expostos à sensação de morte, que porventura, configura-se um trauma psicológico (Reis & Ortega, 2021).

O conceito de desastre é entendido como o resultado de eventos adversos, sejam eles naturais ou antropogênicos, que impactam negativamente um ambiente vulnerável, causando sérias perturbações à comunidade afetada, com extensas perdas e danos humanos, materiais, econômicos e ambientais (Carmo & Anazawa, 2014). De acordo com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN/MCTI), em 2023 o Brasil bateu recorde de ocorrências de desastres hidrológicos e geohidrológicos. Somente nesse ano, foram registrados 1.161 eventos de desastres, dos quais 716 estão associados a eventos hidrológicos, como transbordamentos de rios, e 445 são de origem geológica, como deslizamentos de terra (Brasil, 2023).

No âmbito dos desastres ambientais, a Psicologia Ambiental (PA) se concentra nas inter-relações entre a pessoa e o ambiente físico e social. A PA estuda como o ambiente influencia o comportamento humano, considerando o ambiente como tudo o que cerca o ser humano e que possui significados (Melo, 1991). Além disso, a Psicologia Ambiental surge a partir das contribuições da Psicologia Social, influenciada pelos estudos de Kurt Lewin e pela crescente preocupação com o ambiente urbano. Moser (1998) destaca que os fenômenos estudados nesta disciplina são complexos, demandando não apenas a aplicação de métodos e técnicas conhecidas da Psicologia, especialmente da Psicologia Social, mas também a criação

de metodologias específicas para a Psicologia Ambiental (Koelzer, & Bousfield, 2020; Pol, 1993).

Por implicar significados, memórias, histórias, experiências, os ambientes também comportam os afetos das pessoas que ali construíram as suas vidas. Assim como o vínculo com pessoas, o vínculo com o lugar também requer que algumas necessidades sejam satisfeitas. O apego ao lugar está relacionado à satisfação de necessidades como alimentação, descanso, privacidade e proteção, fatores que evidenciam a dependência em relação ao lugar. Esses lugares geram um sentimento de pertencimento e são considerados parte da identidade individual ou grupal (Giuliani, 2004; Rosa, 2014).

Além disso, Giuliani (2004), a partir de revisão de literatura, destaca três processos que podem influenciar o surgimento do apego: primeiro, a satisfação das necessidades da pessoa no ambiente, com predominância dos aspectos cognitivos e da funcionalidade dessa relação; segundo, os significados simbólicos atribuídos aos lugares em relação à identidade pessoal; e terceiro, a vivência prolongada e a familiaridade com o local, enfatizando questões emocionais, sensação de segurança e bem-estar proporcionados. Assim, Giuliani (2004) identifica três processos distintos que contribuem para a formação de laços de apego e que agem de forma complementar, quais são: (a) apego funcional, (b) apego simbólico e (c) apego derivado de familiaridade temporal com o local.

Compreende-se, portanto, um desastre socioambiental como o impacto causado por fenômenos naturais extremos ou intensos (como secas e enchentes) sobre um sistema social, resultando em prejuízos que superam a capacidade da comunidade afetada de lidar com o desastre. Com base nessas reflexões, este estudo teve como principal objetivo descrever a vinculação afetiva pessoa-ambiente em suas dimensões funcional, simbólica e temporal.

2. Metodologia

Trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla, cuja abordagem adotada foi a multimétodos. Este recorte irá explorar os resultados obtidos por meio da técnica do ambiente fotografado. Desse modo, esse recorte se trata de pesquisa documental que adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-exploratório. Quanto ao tempo, o corte transversal se justifica em decorrência de que os dados serão levantados uma única vez, em um determinado período (Sampieri et al., 2013). O tipo de pesquisa – documental – foi escolhido diante da fonte de pesquisa para a análise (fotografias digitais). As fotografias digitais são fontes não escritas, mas transmitem informações registradas em um dado

momento das vidas dos participantes, de forma a refletir uma história, cultura, educação, assim como aspectos singulares da própria personalidade do sujeito que captura a imagem (Bocato & Fujita, 2006). Cada participante da pesquisa realizou um registro fotográfico ou disponibilizou algum registro já feito a partir do estímulo verbal: “registre uma imagem que te represente o desastre ambiental ocorrido na Lagoa da Conceição”. A técnica autofotográfica foi associada a caminhada pelo local (*Walk Around the block*). A partir disso, as pessoas discorreram sobre as fotografias, as características ambientais que favorecem o apego, as novas características ambientais que desfavorecem a vinculação afetiva, assim como os elementos visíveis e invisíveis da fotografia (*studium e punctum*, respectivamente). As fotografias estão inseridas no item “resultados e discussão”. Os encontros com os participantes foram realizados de forma presencial e on-line, com duração média de 1h30.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, adotou-se como base a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual preconiza as questões éticas e de respeito em relação às pesquisas realizadas com seres humanos. O desenvolvimento desta pesquisa foi iniciado após obtida a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH).

Dentre às sete pessoas atingidas que aceitaram participar da pesquisa, cinco eram do gênero feminino e dois do gênero masculino, possuindo como média aritmética de faixa etária (M) 46 anos e 5 meses. Salienta-se que cada participante era membro de uma casa atingida, então foram sete participantes de sete residências diferentes. Cada abordagem teve duração média de 1 hora. Para selecionar os participantes, foram elaborados critérios de inclusão: possuir idade igual ou superior a 18 anos; compreender os aspectos da pesquisa e consentir por escrito por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); ter sido afetado diretamente pelo desastre ambiental da Lagoa da Conceição/SC. Como critério de exclusão foi estabelecido que pessoas afetadas indiretamente pelo desastre ambiental da Lagoa da Conceição/SC não fariam parte da pesquisa (moradores de locais próximos, mas não configurando vítimas em 1º grau). Os dados foram coletados entre março e setembro de 2022. A pesquisadora passou seis meses visitando o local todas as sextas-feiras no período das 13h às 18h. A técnica para captação de participantes foi a partir de uma amostragem não probabilística, a amostra por Bola de Neve. Assim, foi contactada por e-mail uma das pessoas atingidas que possui forte influência na comunidade e membro ativo da comissão de atingidos por barragens. Essa integrante sensibilizou a comunidade para que participasse da pesquisa. Porém, mesmo assim, os atingidos demonstraram receio em participar da

investigação. No momento da recusa da participação a grande parte dos atingidos foram questionados respeitosamente sobre a desmotivação para a pesquisa.

3. Resultados e discussão

A análise das fotografias foi organizada da seguinte forma: primeiramente, foi realizada a descrição das fotografias capturadas pelos atingidos de acordo com o que Barthes (1984) denomina de *studium* e em seguida, o *punctum* (Barthes, 1984). A partir do estímulo “registre uma imagem que te represente o desastre ambiental ocorrido na Lagoa da Conceição”, os participantes registraram cenários, objetos ou situações que representavam o desastre ambiental ou escolheram fotografias já registradas em outros períodos. A análise foi dividida em três categorias que contemplam o apego das pessoas com o lugar – apego funcional, temporal e simbólico. Observa-se que a média aritmética de tempo de permanência dos participantes morando no mesmo lugar e residência é de 22 anos (μ), ou seja, são moradores que possuem tempo significativo de vinculação com o lugar.

Categoria 01. Apego Funcional

No processo funcional, o apego ao lugar ocorre devido à quantidade e à importância das necessidades que podem ser satisfeitas nesse local, fornecendo recursos e condições que apoiam a realização de objetivos específicos ou atividades desejadas (Williams & Vaske, 2003). No tocante a isso, as participantes P1 e P2 confirmaram que desde a localização, o projeto, os móveis, até a disposição dos ambientes e arranjo ambiental foram aspectos físicos de suas habitações pensados em sanar necessidades específicas de seus moradores.

A moradia da P1 (Figura 1) era uma casa mista de madeira nobre tratada e alvenaria nas áreas da lavanderia, banheiros e cozinha. A família é composta por três pessoas (o casal e sua filha). Na casa havia um quarto para a filha, um quarto para o casal, sala e cozinha conjugados, varanda, lavanderia, um banheiro, garagem e um escritório para a filha dar aulas em regime *home office*.



Figura 1. Estado da cozinha da participante 1 no período pós-desastre

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados Saúde Atingidos”, 2021.

Na Figura 1, é possível verificar que existe uma linha de lama sobre as paredes que demarca a altura atingida pela enxurrada no local. Essa é a característica que mais causa “choque, espanto, revolta” (sic) na fotografia, de acordo com a moradora. A linha de lama, portanto, caracteriza-se o *punctum*. Ao chão, estão balcões de cozinha feitos em MDF. Inclusive, existiam dois balcões aéreos que caíram devido à altura atingida pela água, uma geladeira, uma impressora, um fogão, todos encharcados de lama e água. As paredes da cozinha são de azulejos brancos, existem dois acessos à iluminação natural na parede traseira, assim como utensílios domésticos pendurados na parede traseira.

Percebe-se, a partir do relato dos moradores, que a casa foi pensada em satisfazer as necessidades da família, incluindo o trabalho da filha, a proximidade da casa à escola da filha, assim como facilidade em relação a empregos e meios de transporte. Os moradores evidenciavam com frequência a proximidade da casa à Lagoa da Conceição, o que possibilita uma paisagem restauradora, agrega valor às suas moradias, viabiliza a utilização do mar para à pesca e esportes. A partir disso, percebe-se que as informações relatadas pelos moradores focaram no julgamento e avaliação do lugar em relação à satisfação de suas necessidades, à disponibilidade de recursos e às condições da moradia para a realização das atividades desejadas pelos moradores.

Os moradores esclareceram que após o ressarcimento, todos os móveis, eletrodomésticos e a própria estrutura de algumas casas foi reconstruída, retomando à funcionalidade daquelas habitações. Entretanto, os moradores evidenciaram que a Lagoa da Conceição não foi mais utilizada pela comunidade atingida devido ao receio de se contaminar enquanto banhistas e consumidores de animais marinhos.

Para além dos recursos disponíveis, a participante P6 destaca que “estou em uma casa muito mais bonita esteticamente e funcional, mas se eu pudesse, gostaria de ter a antiga. Não a vejo mais como um lar. Não consigo mais morar aqui, agora sinto medo”(sic). Essa fala deixa explícito o valor atribuído a casa estava no simbolismo, na história, experiências sociais e memórias construídas em volta do lugar em detrimento do aspecto funcional do lugar. Percebe-se que, no caso da participante P6, a ocorrência do desastre modificou a sua percepção de segurança e, conseqüentemente, a sua vontade de desocupação desse lugar.

Outra narrativa da participante deixa evidente que o lugar reconstruído não possui o mesmo significado de antes do desastre: “nós contratamos engenheiro e arquiteto...agora conta com uma biblioteca, com muita iluminação natural na cozinha, fizemos ela como sempre queríamos. Mas fizemos ela aqui, não é mais a mesma coisa”(sic). Quando a moradora descreve “mas fizemos ela aqui”(sic), evidencia-se que houve uma brutal ruptura antes e depois do desastre. A nova habitação pode ser uma versão melhorada nos aspectos estéticos e funcionais, mas a percepção ambiental foi alterada. Compreende-se percepção ambiental, de acordo com Ittelson (1978), como o modo de uma pessoa vivenciar os aspectos ambientais do seu entorno, além dos aspectos físicos, psicossociais, socioculturais e históricos. A partir da análise do mesmo autor, percepção ambiental se trata do significado e experiência de uma pessoa imersa dentro de um sistema (“pessoa-no-ambiente”) de interações sociofísicas. Essa experiência obtida da inter-relação pessoa-ambiente pode ser similar entre pessoas que compartilham o mesmo lugar ou experiências nesse lugar, embora nunca igual (Ittelson, 1978).

Unânime dentre os participantes se tornou o sentimento de medo posteriormente ao desastre e retorno às suas habitações. A participante P7 destaca que, para se tranquilizar, solicitou ao marido, profissional da engenharia civil, a avaliação da nova estrutura construída pela CASAN em torno da lagoa de evapoinfiltração. Mesmo após a avaliação positiva de seu marido em relação à estrutura construída, a participante deseja desocupar o lugar em breve. Martín et al. (2006) destacam que ambientes que oferecem riscos e insegurança à população podem aumentar o desejo de mudança de localidade. Além disso, P4 acrescenta que “sempre

que chove não conseguimos dormir por que morremos de medo”(sic). De acordo com os participantes, esses sentimentos são mais prevalentes durante a noite e em períodos de chuvas, quando as lembranças do desastre ressurgem, causando inquietação, insônia, preocupação e desespero nos moradores.

Categoria 02. Apego Simbólico

Essa categoria comporta as fotografias que indicaram elementos simbólicos vinculados ao apego que os participantes possuem ao lugar. De acordo com Giuliani (2004), a consistência do apego está intrinsecamente ligada ao significado do local e aos elementos essenciais para a identidade do sujeito, como evidenciado neste estudo sobre a aquisição da própria residência. Nessa direção, destacaram-se os esforços físicos, mentais e financeiros despendidos para alcançar o objetivo de ter um lar. No tocante a isso, as participantes P1 e P2 revelaram que conquistar a casa própria, assim como todos os pertences que organizavam e compunham o ambiente, configurou o primeiro e maior sonho de suas famílias. Do mesmo modo, P3 destacou que a casa em que reside possui um significado emocional por ser projetada, construída e desejada por sua falecida mãe. O morador se recorda que a casa foi sendo construída gradativamente pela sua mãe. Porém, devido ao câncer que a acometeu, sua mãe foi impossibilitada de finalizar a obra. Após o falecimento da mãe, o morador finalizou a construção da casa, concretizando o sonho da mãe compartilhado com ele. O participante narra que a casa que ele construiu o causava orgulho ao vislumbrar a concretização do sonho de sua mãe. Atualmente, a casa não sofreu modificação estrutural, embora foram perdidos móveis, objetos, eletrodomésticos e a pista de skate que ele havia construído para a filha.

A moradora P1 optou pela Figura 2 enquanto fotografia que melhor representa o desastre socioambiental de acordo com a sua concepção. A fotografia apresenta uma réplica de Nossa Senhora Aparecida a partir de uma concepção católica em um altar de pedras, ao lado de uma imagem de menor tamanho de Nossa Senhora de Lourdes, logo disposta a frente uma tampa de vidro de conserva com uma vela derretida, um maço de flores artificiais na cor dourada, a frente um espaço para depositar água. A descrição da imagem, de acordo com a participante:

Sou católica, devota à Nossa Senhora de Aparecida e de Lourdes. Naquele dia, pensei que fosse morrer. A única preocupação era com a nossa família. A única coisa que não perdemos foi a estrutura da casa, que continuou boa de acordo com a avaliação

do engenheiro e tinha uma bíblia aqui em cima desse altar, que ficou intacta, sem sujeira. Só pode ter sido realmente um milagre – P1, 58 anos.

A partir dessa descrição e da fotografia, percebe-se que a participante representa o desastre como algo complexo e de alta magnitude, que fez os atingidos dependerem de um milagre para subsidiar sua sobrevivência. A participante P1 ressaltou com lágrimas nos olhos que a bíblia, mesmo em meio à enxurrada, ficou intacta em cima do altar, assim como as imagens dos outros santos. A participante descreve que a sua fé se fortaleceu mesmo após a ocorrência do desastre, por compreender o desastre como um “renascimento”(sic).



Figura 2. *Imagem de Nossa Senhora Aparecida*

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

Observa-se que a participante buscou fortalecer a sua fé como forma de enfrentamento e superação da situação. Percebe-se que o elemento principal da fotografia é a imagem de Nossa Senhora, à qual P1 possui devoção. A fé foi fortalecida posteriormente à sobrevivência ao desastre, pois de acordo com P1, “foi um milagre” (sic). Essa associação de sobrevivência com uma figura divina demonstra que a resiliência da participante foi um elemento crucial para a sua recuperação. Além disso, nota-se a presença da religiosidade,

evidenciando a necessidade humana de crer em algo superior, sustentando a convicção de que “foi Deus quem nos salvou” (sic). O *punctum* da fotografia pode ser observado a partir da sua devoção e fé. No centro da imagem está a imagem de Nossa Senhora, em um altar feito de pedras pelos próprios moradores daquela residência. Percebe-se o detalhe: a tampa de vidro de conserva contendo a cera de uma vela, que possivelmente, foi queimada na intenção de dedicá-la à Santa.

A Figura 3 expressa a fotografia escolhida pela participante P2 que melhor explica a sua representação sobre o desastre. Em relação ao *studium*, a imagem apresenta um álbum de fotografias com marcas que denotam desgaste devido ao tempo, ferrugens, manchas escuras que contornam o álbum, uma imagem em desenho de um bebê de olhos azuis e escritos em tons de dourado/amarronzado ensinando como usar o álbum adequadamente. Aos fundos da imagem, apresenta-se o que parece ser um muro branco e amarelo com marcas que evidenciam o tempo; assim como se percebe que a participante segura o álbum com a mão esquerda enquanto, provavelmente, retira a fotografia com a mão direita. A atingida descreve a imagem como “a única coisa que pensei em salvar: minha família, alguns documentos e as lembranças eternizadas em fotografias” (sic). Além dela, os participantes P3, P5 e P6 também salvaram fotografias assim que perceberam que um desastre estava acontecendo.



Figura 3. Imagem de um álbum de fotografias danificado pós-desastre

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

O *punctum* da fotografia se encontra na sujeira, nos borrões sugerindo que foi exposto à água e ferrugens, indicando que o álbum sofreu com o desgaste do tempo. Nessa direção, o *punctum* é a própria deterioração da fotografia enquanto um bem precioso para a atingida, a ponto de salvá-la primordialmente. Dito isso, a fotografia registra algo que, sem ela, jamais poderia ser testemunhado novamente. Nessa perspectiva, tem-se cada fotografia como algo que nunca mais poderá ser vivenciado e capturado novamente daquela mesma forma, aproveitando sua capacidade instantânea, a foto congela um momento fugaz em seu instante crucial (Barthes, 1984). A imagem fotografada, de acordo com a participante, denota que o desastre não apenas prejudicou a estrutura de sua residência, como prejudicou as memórias, a funcionalidade do lugar, a afetividade que circunda a permanência na Lagoa da Conceição.

A Figura 4 expressa uma imagem com cerca de cinco bombeiros sobre um bote salva-vidas resgatando um dos moradores no dia do desastre. Na imagem, percebe-se uma água escura, preta, praticamente cobrindo o cercado do terreno. Abaixo, existe um automóvel submergindo em meio a água escura, algumas árvores e, ao fundo, a estrutura de outras residências. A imagem foi escolhida pelo participante P3, pois, de acordo com sua descrição:

Eu estava dormindo. Escutei um barulho imenso, como de pedras se chocando umas nas outras. Corri ver o meu filho e já vi uma onda gigantesca se aproximando. Consegui salvar o meu cachorro, meu filho e algumas fotos. Subimos no ponto mais alto da casa, tudo muito rápido, questões de segundos. Lá, no telhado, ouvia meu vizinho que estava acamado gritar pedindo socorro. Foram mais de 3h ouvindo ele gritar, nervoso, irritado, pedindo por ajuda. Fiquei mais desesperado ainda, mas não podia ir lá, não sabia o que tinha em baixo e os vizinhos gritavam para que eu não fosse, era perigoso. Essa imagem foi o momento em que ele foi resgatado, foi um alívio – P3, 45 anos.

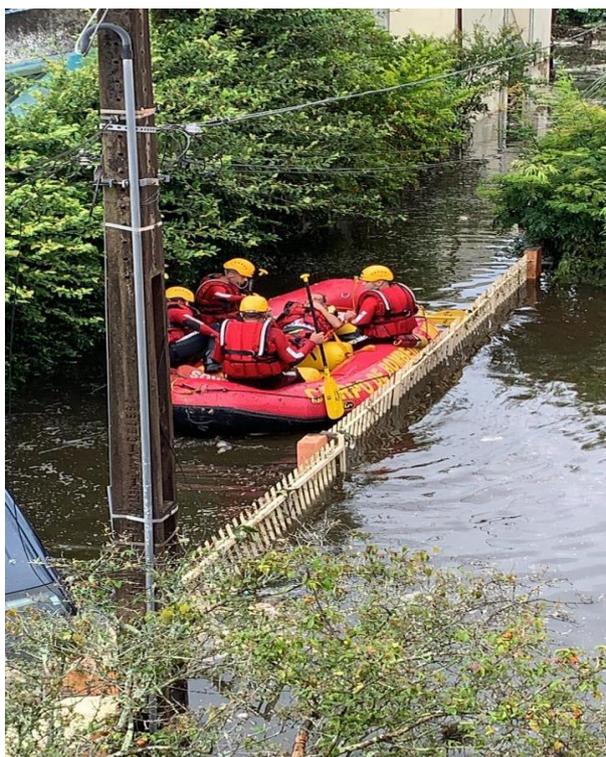


Figura 4. Imagem dos bombeiros resgatando os atingidos que estavam sobre os telhados de suas residências
Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados Saúde Atingidos”, 2021.

Novamente o morador atingido ressalta que a família, animais de estimação e fotografias foram as primeiras coisas a serem salvas no desastre, demonstrando maior importância. De acordo com Tuan (1983), o espaço adquire a condição de lugar quando é reconhecido e atribuído valor por aqueles que habitam nele. Tuan (1983) ressalta que os ambientes residenciais se destacam entre todos os lugares de convivência humana por sua singularidade e riqueza incomparáveis. Atribuir valor a esses ambientes é conferir-lhes significado. Essa atribuição de significados é reconhecida como um dos processos fundamentais do apego ao lugar (Giuliani, 2004).

A atingida P5 escolheu duas imagens para representar o desastre, de acordo com a sua perspectiva (Figura 5 e 6). Para ela, as fotografias que melhor representam o desastre são aquelas que demonstram o “estrago”(sic), ou seja, a fotografia do antes *versus* o depois do desastre. A descrição denotativa da primeira imagem (Figura 5) escolhida pela atingida sugere que existem cerca de oito pessoas deslocadas em um jardim residencial em clima festivo, sorridentes, trajados com roupas de festas; algumas delas estão sob uma varanda e outras estão no jardim, pisando no gramado. A casa é de alvenaria mista com madeira; a varanda é extensa por todo o comprimento da casa; a pintura da casa é azul-celeste e as vistas das portas e janelas em branco. O jardim possui diversas árvores frutíferas e plantas; ao fundo

pode-se observar um *deck* de madeira com muitas plantas ao redor. O cercado que cobre a residência também é de madeira. É possível observar aos fundos uma parte da casa do vizinho da atingida, uma casa de alvenaria na cor laranja.



Figura 5. Imagem do jardim da participante antes da ocorrência do desastre

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

A atingida demonstra ainda que a forma como o lugar era utilizado pelas pessoas que ali residiam, os eventos, assim como a função que o lugar possuía, foram elementos importantes para a constituição de memórias afetivas com o lugar e desenvolvimento do apego ao lugar. Percebe-se que a atingida escolhe uma fotografia que consegue captar as três dimensões do apego ao lugar (funcional, simbólica e temporal). Em relação à dimensão funcional, o apego da atingida demonstra ser resultante da percepção das necessidades que o lugar satisfaz, sendo mais cognitivo do que emocional. No que tange à dimensão simbólica, o apego da atingida demonstra ser influenciado pelos significados atribuídos ao lugar, como emocionalmente significativo e fonte de identidade. Sobre a dimensão temporal, o apego da atingida demonstra ter sido fruto de uma inter-relação pessoa-ambiente ao longo do tempo, manifestando-se como uma forte ligação emocional com o lugar (Alves et al., 2015; Felipe & Kuhnen, 2012).

As declarações dos participantes ressaltaram a importância de possuir um lar, e não apenas uma casa, conforme enfatizado por Dovey (1985) ao definir os conceitos de casa e lar. Segundo o autor, e conforme observado neste estudo, enquanto a casa é predominantemente vista como um objeto, uma parte do ambiente físico, o lar é compreendido como um local

investido de significado emocional e como uma relação entre as pessoas e o ambiente, envolvendo laços significativos entre os residentes e suas habitações. Esses laços desempenham um papel crucial na regulação emocional, na definição e na qualificação da identidade pessoal daqueles que ocupam esse espaço. Ferreira (2022) discorre sobre a dimensão subjetiva inerente à experiência de habitar uma residência. Ele examina a moradia não apenas como um espaço físico, mas como um repositório de afetos, memórias e recordações.

Como dito, a atingida P5 também escolheu a Figura 6 para demonstrar o que o desastre representa para ela. A Figura 6 é uma captura fotográfica do seu jardim, o mesmo da Figura 5, porém na manhã que sucedeu o desastre. De uma fotografia coberta por cores e felicidade, vê-se um cenário catastrófico e desconstruído pela lama. Descreve-se a imagem como uma área coberta por uma lama de cor escura, amarronzada. É possível observar vestígios ambientais de um desastre porque os vasos, plantas e arranjo ambiental está todo modificado – se comparado com a imagem anterior – devido à lama que cobre todo o espaço. Existem vasos de cerâmica caídos pelo chão sem plantas e outros ainda com plantas, embora pareçam sujas de barro e machucadas. Além disso, existem objetos não identificados, embalagens e uma garrafa de vidro ao fundo, demonstrando o lixo que deve ter sido arrastado pela enxurrada. Aos fundos da imagem é possível observar uma pessoa com camisa vermelha, bermuda preta com listras brancas e uma bota de borracha, provavelmente para conseguir caminhar sobre a lama sem causar ferimentos.



Figura 6. *Imagem do jardim da participante após a ocorrência do desastre*

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

A atingida ressalta o processo de reconfiguração do lugar na escolha das fotografias como sua representação do desastre. Ao analisar as avaliações da atingida, observa-se que ela expressara mais críticas negativas do que elogios em relação ao local, mesmo após a sua reconstrução, devido ao impacto causado pelo desastre em sua vida. No que concerne à moradia, mais uma vez, traz consigo a importância de toda uma história, memórias afetivas, significado e identidade. A moradia é universalmente reconhecida como uma necessidade fundamental, constituindo-se como o componente mais significativo de todas as perdas, tanto em termos de valor econômico quanto em relação aos pertences danificados pelos desastres (Felippe & Kuhnen, 2012).

A atingida P6 escolheu uma fotografia capturada de uma exposição artística realizada pela comunidade de atingidos na Lagoa da Conceição em ato simbólico na data em que completou um ano do desastre. Na Figura 7 é possível observar no centro da fotografia um vaso sanitário, depositado à beira da Lagoa da Conceição, onde desembocou a enxurrada. Logo em cima existe uma caixa azul com o desenho de peixes de caranguejos - representando os animais marinhos mortos, assim como a zona morta que se formou após o desastre na Lagoa da Conceição – assim como uma caixa laranja com o escrito “SOS” em maiúsculo e preto; acima das caixas, como um bolo de aniversário, foi colocado o número ‘1’ na cor amarela, para representar o aniversário de um ano do desastre. Logo disposto atrás do vaso sanitário, existem três placas com estacas firmadas na praia, com os respectivos dizeres: “descaso lagoa”; “1 ano de lama e luta”; “nossas vidas importam”; “muito blá blá blá, pouca ação”.



Figura 7. Vaso sanitário exposto na Lagoa da Conceição em “comemoração” a 1 ano da ocorrência do desastre

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

De acordo com a atingida P6, o vaso sanitário representa o conteúdo despejado na lagoa de evapoinfiltração que rompeu e inundou as casas. O rompimento da lagoa causou o despejo de mais de 130 milhões de litros de matéria orgânica. Já a disposição dos objetos indica a “comemoração” de um ano do evento traumático em forma de sátiras. Isso demonstra que a “luta” mencionada em uma das placas, ainda estava sendo necessária para a recuperação daqueles perderam seus bens e vida normal. De acordo com a atingida P6, “a gente ainda tem cicatrizes do trauma vivido e precisou que a gente elaborasse o trauma junto com a tentativa de seguir em frente”(sic). Percebe-se que o “seguir em frente” implicou deixar de lado, ao menos temporariamente, os impactos emocionais pós-desastre para reconstruir a moradia primariamente.

A atingida P7 optou por uma fotografia de uma réplica do bicho de pelúcia favorito de sua filha (Figura 8), capturada na coleta de dados. A fotografia foi capturada sobre uma coberta com estampa infantil, com pássaros, plantas e gaiolas. No centro da imagem está um

urso de pelúcia na cor bege claro. O bicho de pelúcia original foi perdido no desastre. A atingida tentou recuperá-lo, pois sua filha estava chorosa e suplicava pelo brinquedo por ser o seu favorito. A atingida relatou, enquanto retirava a fotografia, que uma pessoa da comunidade se comoveu com a criança pedindo pelo bicho, perdido em meio a lama, e fez a réplica de acordo com os relatos da atingida. A atingida destacou que “comprar móveis, eletrodomésticos e objetos novos não substituem a importância e as memórias que os objetos antigos tinham”(sic). A atingida acredita que equipes da CASAN realizavam o descarte do objeto, pois essas equipes de limpeza puderam entrar nas casas em momentos em que os atingidos ainda não podiam retornar para as residências. A atingida acrescenta que:

Compramos objetos, eletrodomésticos, tudo novo a partir do inventário descritivo feito para a empresa. Mas esse não foi o sofá que ganhei do meu pai, em couro legítimo, madeira de verdade. Ele sentou naquele sofá. Tenho uma foto de todos sentados no sofá. Agora é só mais um sofá que você encontra em qualquer loja de departamento. Esse urso de pelúcia, é um pouco diferente. Ganhei de uma pessoa de bom coração que se comoveu com a minha filha e vendo a gente procurar na lama. Mas, não é o urso dela, é uma réplica. Agora é tudo parecido, mas não igual. É tudo bom, mas não como era. Não sei explicar. Preferiria tudo como estava, do jeito que era antes - P7, 36 anos.



Figura 8. Imagem de uma réplica do urso de pelúcia favorito da filha da participante

Fonte: Recuperado de “Arquivo de Dados da Pesquisadora”, 2021.

Como é possível perceber na descrição da participante, existe uma ruptura (“como era antes”) na realidade, no mundo presumido, no vínculo afetivo com o lugar, com aquilo que compõe o lugar, com a identidade desses sujeitos. O “antes” se refere a vida antes do desastre. A vida antes daquilo que iria modificar o depois. Percebe-se ainda que a partir do momento em que as pessoas utilizavam do ambiente para sanar suas necessidades fisiológicas, também possuíam em seu enredo, objetos que compunham história, afetos e memórias de entes queridos. O que atribui valor aos objetos, de acordo com a narrativa acima, portanto, trata-se do que o objeto significava para aquelas pessoas. Observa-se que o material em que o sofá era feito foi evidenciado, de forma a validar a sua qualidade (“couro legítimo, madeira de verdade”). Porém, é evidente que maiores detalhes foram atribuídos a “quem” presenteou-a com o sofá, a história por trás desse objeto que compunha o ambiente. Percebe-se que o arranjo espacial e os objetos existentes nos ambientes demonstram aspectos da personalidade de quem reside nesse ambiente. Nessa direção, as pessoas interagem com o ambiente personalizando-o da sua maneira, de maneira a escolher as cores, decorações, objetos e o layout do ambiente (Cavalcante & Elali, 2017).

Categoria 03. Apego Temporal

A Figura 9 expressa a fotografia escolhida pelo participante P4. Trata-se de uma imagem capturada de forma aérea por meio de um drone, registrando completamente a área afetada. Na fotografia é possível vislumbrar residências à direita e à esquerda; vegetação principalmente aos fundos e nas extremidades; no centro, é possível analisar a parte principal afetada pela enxurrada, com vestígios ambientais de passagem de água em grande quantidade em meio às casas até desembocar na Lagoa da Conceição; às margens da Lagoa da Conceição existem pessoas que parecem estar observando os estragos causados pelo desastre.



Figura 9. *Imagem aérea de toda a área afetada*

Fonte: Recuperado de “NDmais”, 2021.

De acordo com o participante, essa imagem melhor representa o desastre por remeter ao caos e transtorno que todos sofreram naquela fatídica madrugada de segunda-feira. Quando questionado “existe alguma imagem, cenário, ambiente, que para você, represente melhor esse desastre? Se sim, o que?”, a resposta de P4 foi: “meus vizinhos saindo de suas casas a nado, no meio de bostas, uns nos telhados, outros em árvores... choro, desespero e medo”(sic). Percebe-se que o atingido não apenas representou o desastre a partir dos impactos que sofreu, mas a partir dos impactos que o lugar e toda a comunidade sofreram.

Por meio das narrativas de P4, fica perceptível que o apego foi modificado diante da reconfiguração que o lugar sofreu pós-desastre. O vínculo do participante P4 estabelecido com o lugar estava ligado ao apego simbólico e temporal, pois, segundo o atingido: “minha bisavó foi uma das primeiras moradoras da rua, sempre tive um vínculo com a rua, desde que nasci” (sic). Observa-se que existe o processo temporal do apego quando o participante menciona que a bisavó foi uma das primeiras moradoras e pelo seu desenvolvimento desde o nascimento nesse lugar; ao mesmo tempo, ao mencionar a bisavó, o participante concomitantemente descreve um vínculo simbólico, uma familiaridade, identidade e significado com o lugar.

O processo temporal surge de uma longa proximidade com o lugar. Sua característica principal é o vínculo afetivo positivo entre uma pessoa e um lugar, especificamente uma forte inclinação da pessoa para manter a proximidade com esse lugar (Hidalgo & Hernandez, 2001; Pacheco & Bomfim, 2021). Por conseguinte, sua natureza é mais emocional do que cognitiva, resultando em sofrimento pela separação e dificuldade de substituir um vínculo afetivo por outro (Giuliani, 2004), o que contribui para o desenvolvimento da identidade tanto individual, quanto comunitária.

A atingida P5 deixa explícito que o processo temporal e simbólico que estabeleceu com o lugar foi superior à importância do funcional. A participante menciona que:

Minha casa reconstruída ficou até mais bonita e funcional que a antiga. A casa tem bastante iluminação natural, fizemos o projeto com um arquiteto como nós queríamos. Mas a antiga eu ajudei a construir, foi o lugar que vi meus filhos brincando, se desenvolvendo, o lugar que recebi minha família diversas vezes, que nos reuníamos em grupo no jardim, foi a casa dos meus sonhos, o jardim que eu plantei, tudo nós que fizemos. Agora eu sinto que é só uma casa. A qualquer oportunidade, eu vendo essa casa. Não me sinto mais segura aqui – P5, 59 anos.

Observa-se que, apesar da estética agradável e da funcionalidade, o lugar não traz consigo as memórias afetivas. Bomfim (2010) destaca que a afetividade na Psicologia Ambiental e Social representa o encontro entre os indivíduos e o ambiente urbano. Assim, a interação com o espaço não se resume apenas à presença física, mas sobretudo à interpretação e à apropriação desse espaço, conferindo-lhe uma dimensão de lugar, intrinsecamente vinculada às relações. A conexão com o ambiente físico não é dissociada de uma compreensão ético-política dos afetos, o que permite compreender como as pessoas se vinculam aos lugares de sua história, interagem com os outros e influenciam sua realidade socioespacial.

Percebe-se, sobretudo, que a vinculação afetiva das pessoas com o lugar foi modificada após a ocorrência da experiência traumática e dos sentimentos de valência negativos que a atingida sofreu nesse período de reconstrução do lugar. Proshansky et al. (1983) propuseram que o apego ao lugar ocorre de forma inegável em indivíduos cuja identificação com um local está intrinsecamente ligada a percepções positivas de um ou mais aspectos desse ambiente, que superam em peso as percepções negativas. Esse conceito

implica que toda conexão afetiva humana está, de alguma forma, ligada a elementos do ambiente físico.

4. Considerações Finais

Tendo por objetivo descrever a vinculação afetiva pessoa-ambiente em suas dimensões funcional, simbólica e temporal, verificou-se, com base nas narrativas e fotografias fornecidas por participantes afetados por um desastre ambiental, que as emoções e experiências vivenciadas em decorrência do desastre foram suficientes para modificar um vínculo afetivo até então concreto e estável. Dessa forma, percebeu-se que os participantes evidenciaram o quanto possuíam vinculação afetiva com o lugar e suas residências, principalmente por ser um ambiente construído simultaneamente ao desenvolvimento de suas famílias, filhos e de si mesmos.

Na dimensão funcional, os participantes expressaram que o apego que possuíam com o lugar foi modificado, mesmo com o ambiente reconstruído com as funcionalidades semelhantes (se não superiores) aquelas anteriores ao desastre. Desse modo, os objetos, eletrodomésticos, bens materiais e aquisições que atribuíam funcionalidade ao lugar, foram adquiridos novamente. A partir do conteúdo narrado, fica explícito que os participantes eram apegados aos bens materiais que possuíam não apenas pela funcionalidade e utilidade, mas pela história de como eles foram conquistados. Na dimensão simbólica, os participantes compartilharam memórias, histórias pessoais e experiências familiares que destacam os significados profundos e as conexões emocionais que eles atribuem aos seus ambientes, residências, objetos, móveis que perderam com o desastre. Além disso, as narrativas ressaltam a importância dos espaços físicos como reservatórios de emoções e relações, conferindo sentido e propósito à vida daqueles que os habitam. Na dimensão temporal, os participantes compartilham histórias que destacam a evolução das conexões emocionais ao longo do tempo. A menção de vínculos familiares estabelecidos ao longo de várias gerações e a perda de lugares que foram testemunhas de momentos importantes na vida das pessoas destacam a importância do tempo na construção das conexões pessoa-ambiente.

Embora o contexto de ameaças de desapropriação gere impactos negativos na vida dos moradores, como a ruptura da vida comum, dos vínculos comunitários e efeitos na dinâmica psicológica (como a identidade), também foram observadas implicações positivas que podem levar ao desenvolvimento de ações sociais de resistência e enfrentamento das situações de sofrimento. O senso de comunidade, portanto, ao invés de enfraquecer após o

desastre, foi fortalecido e é alimentado pelos seus membros. A vivência coletiva do sofrimento e luta por direitos fez com que a própria comunidade tenha desempenhado um papel de rede de apoio uns para com os outros.

Indica-se que para futuras pesquisas realizar um estudo longitudinal para investigar como as conexões emocionais entre pessoas e seus ambientes mudam a partir do tempo, especialmente durante o processo de recuperação pós-desastre.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. B., Kuhnen, A., & Battiston, M. (2015). “Lar Doce Lar”: Apego ao Lugar em Área de Risco diante de Desastres Naturais. *Psico*, 46(2), 155–164. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.2.17484>
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bocato, V. R. C., & Fujita, M. S. L. (2006). Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. *Cadernos Biblioteconomia Arquivística e Documentação Cadernos BAD*, 2, 84-100.
- Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC.
- Brasil. (2023). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. [Em 2023, Cemaden registrou maior número de ocorrências de desastres no Brasil]. <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/01/em-2023-cemaden-registrou-maior-numero-de-ocorrencias-de-desastres-no-brasil>
- Carmo, R. L. do, & Anazawa, T. M. (2014). Mortalidade por desastres no Brasil: o que mostram os dados. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, 19(9), 3669-3681. doi: 10.1590/1413-81232014199.07432014
- Cavalcante, S., & Elali, G. (2017). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- Dovey, K. (1985). Home and homeless. In I. Altman & C. M. Werner (Eds.). *Home environments* (pp. 33-64). New York: Plenum Press.
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 609-617. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400015
- Ferreira, D. (2022). Casa D'Itália: ‘Sentir-se em casa’ – Um ensaio sobre nossos afetos e memórias. *Revista Casa D'Itália, Juiz de Fora*, 3(25). Recuperado de <https://casaditaliajf.com.br/2022/07/25/revista-casaditalia-casa-ditalia-sentir-se-em-casa-um-ensaio-sobre-nossos-afetos-e-memorias/>
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In E. T. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes, *Psicologia e ambiente* (pp. 89-106). São Paulo: Educ.

- Hidalgo, M. C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21(3), 273-281. doi: 10.1006/jevp.2001.0221
- Hodecker, M., Bousfield, A. B. S., & Felipe, M. L. (2023). “Recupere a Lagoa”: análise barthesiana de imagens pós- desastre na Lagoa da Conceição/SC. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e5054. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2023.e5054>
- Ittelson, W. H. (1978). Environmental perception and urban experience. *Environment and Behavior*, 10(2), 193-213.
- Koelzer, L. P., & Bousfield, A. B. da S. (2020). Representações Sociais de Desastres Socioambientais na Mídia. *Revista Subjetividades*, 20(2), 1-12. doi: 10.5020/23590777.rs.v20i2.e9193
- Martín, A.; Hernández, B.; Ruiz, C. (2006). Influencia de las condiciones ambientales en el apego y la identidad con el barrio. In Martín, R., Berenger, J., & Corraliza, J. A. (Org.). *Medio Ambiente, Bienestar Humano Y Responsabilidad Ecológica*. IX Congreso de Psicología Ambiental, España.
- Melo, R. G. C. de. (1991). Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. *Psicologia USP*, 2(1-2), 85-103. Recuperado em 16 de maio de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 121-130. doi: 10.1590/S1413-294x1998000100008.
- Pacheco, F. P., & Bomfim, Z. A. C. (2021). Afetos e implicações psicossociais do viver sob ameaças de desapropriação do espaço. *Psicologia & Sociedade*, 33, e249219. Doi: 10.1590/1807-0310/2021v33249219
- Pol, E. (1993). Environmental Psychology in Europe. *From Architectural Psychology to Green Psychology*. Londres: Avebury.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3(1), 57–83.
- Reis, R., & Ortega, F. (2021). Perspectivas neurocientíficas para uma teoria do trauma: revisão crítica dos modelos integrativos entre a biologia e a cultura. *Cadernos de Saúde Pública [online]*, 37(8), 1-13. doi: 10.1590/0102-311X00352820.
- Resolução CNS n. 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012). Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Rosa, D. C. B. (2014). Teorias sobre a floresta e funções de apego: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5ª ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Williams, D. R., & Vaske, J. J. (2003). The measurement of place attachment: Validity and generalizability of a psychometric approach. *Forest Science*, 49(6), 830-840.

Dados sobre as autoras:

- *Maísa Hodecker*: Psicóloga (CRP-12/16945), Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2018-2020). Doutora em Psicologia pela UFSC (2020/2024). Integrante do Laboratório de Psicologia Ambiental (LAPAM/UFSC) desde 2018 e integrante do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS/UFSC) desde 2020.
- *Maíra Longhinotti Felipe*: Arquiteta e Urbanista (UFSC, 2001), Mestre em Psicologia (UFSC, 2010) e Doutora em Tecnologia da Arquitetura (Università degli Studi di Ferrara, Itália, 2015). Possui pós-doutorado em Psicologia (UFSC, 2016-2018) e em Arquitetura e Urbanismo (UFSC, 2019). Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é subcoordenadora do PósARQ e coordenadora do Laboratório de Psicologia Ambiental - LAPAM/UFSC.
- *Andréa Barbará da S. Bousfield*: Professora Associada IV do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (2000), mestrado (2004) e doutorado (2007) em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutorado no Instituto Universitário de Lisboa ISCET-IUL - Lisboa - Portugal (2017) e Pós-doutorado na Università degli Studi di Padova Unipd - Itália (2018). Já foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP/UFSC.

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
